



# DO INFINITIVO IMPESSOAL LATINO AO INFINITIVO FLEXIONADO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ORIGENS E REANÁLISE DA FLEXÃO DE NÚMERO E PESSOA

---

IMPERSONAL INFINITIVE IN LATIN TO INFLECTED  
INFINITIVE IN BRAZILIAN PORTUGUESE: ORIGINS AND  
REANALYSIS OF INFLECTION OF NUMBER AND PERSON.

Patrícia Helena Veloso de Carvalho<sup>1</sup>

Rafael Dias Minussi<sup>2</sup>

*Universidade Federal de São Paulo*

**Resumo:** Neste trabalho, apresentamos um estudo descritivo-comparativo entre infinitivo impessoal latino e o infinitivo flexionado no Português Brasileiro (PB) à luz da Teoria Gerativa de Chomsky (1986, 1995, 2001) e da Morfologia Distribuída de Halle & Marantz (1993, 1997). Com o objetivo de sistematizar e traçar um panorama dos principais estudos sobre a origem do infinitivo flexionado no português, colocamos à mostra os prós e contras das duas principais hipóteses para sua gênese - teoria do imperfeito do subjuntivo latino e teoria criadora (MAURER, 1968; MARTINS, 2001; WIREBACK, 1994). A seguir, expomos uma análise das flexões dos verbos no futuro do subjuntivo por meio da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997, EMBICK, 2010) e de alguns estudos posteriores como o de Bassani & Lunguinho (2011).

Palavras-Chave: Infinitivo Flexionado; Morfologia Distribuída; Gramática Gerativa.

---

<sup>1</sup> patriciavelosocontato@gmail.com

<sup>2</sup> rafaelfminussi@yahoo.com.br

---

**Abstract:** *In this paper, we present a descriptive-comparative study of the Latin impersonal infinitive with the inflected infinitive in Brazilian Portuguese (BP) according to Chomsky's Generative Theory (1986, 1995, 2001) and the Distributed Morphology theory from Halle & Marantz (1993,1997), aiming to systematize and map an overview of the main studies about the origin of inflected infinitive in Portuguese. We show the pros and cons of the two main hypotheses for its genesis - the latin imperfect subjunctive's theory and creative theory (MAURER,1968; MARTINS, 2001; WIREBACK, 1994). Next, we show an analysis of the verb in the subjunctive future through Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993, MARANTZ, 1997, EMBICK, 2010) and some later studies, for instance, Bassani & Lunginho (2011).*

Keywords: *Inflected Infinitive; Distributed Morphology; Generative Theory.*

## INTRODUÇÃO

O infinitivo flexionado da língua portuguesa e sua gênese são, ainda nos dias de hoje, um tema controverso entre linguistas. Existem diversos trabalhos sobre o assunto: Vasconcelos (1900), Gamillscheg (1913), Rodrigues (1914), Maurer Jr. (1968), Raposo (1987), entre outros.

Existem duas hipóteses principais que tratam da origem do infinitivo flexionado no português (doravante IF): A primeira (WERNECKE, 1885; GAMILLSCHEG, 1913; RODRIGUES, 1914) apresenta o IF como derivado do subjuntivo imperfeito latino, enquanto a segunda (OTTO, 1889; VASCONCELOS, 1900; MAURER JR., 1968; etc.) apresenta o IF como uma variante finita do infinitivo românico e explica tal origem com uma “confusão fácil entre o infinitivo e algumas formas do subjuntivo futuro” (MAURER JR., 1968, p. 13).

A partir das duas hipóteses mencionadas acima, pretendemos, neste trabalho, fazer um estudo descritivo-comparativo do infinitivo impessoal latino com o infinitivo flexionado no Português Brasileiro (PB) atual, à luz da Teoria Gerativa de Chomsky (1986, 1995, 2001) e da Morfologia Distribuída de Halle & Marantz (1993, 1997). O objetivo amplo aqui pretendido é sistematizar e traçar um panorama dos principais estudos já realizados sobre a origem do IF no português, a fim de apresentar a problemática do tema através da apresentação dos prós e contras das duas principais correntes sobre assunto supracitadas. Os objetivos específicos desta investigação são: (i) apresentar as principais teorias sobre o surgimento do IF no Português a partir do estudo de diversos autores, como Maurer (1968), Martins (2001), Wireback (1994); (ii) realizar uma análise das flexões dos verbos em infinitivo flexionado e no futuro do subjuntivo por



	1ª Conj.	2ª Conj.	3ª Conj.	4ª Conj.	Conj. mista
<b>Inf.Pres.Ativo</b>	<i>amāre</i> (amar)	<i>habēre</i> (ter)	<i>dicēre</i> (dizer)	<i>audīre</i> (ouvir)	<i>capēre</i> (capturar)
<b>Inf.Pass.Ativo</b>	amauisse (ter amado)	habuisse (ter tido)	dixisse (ter dito)	audiuisse (ter ouvido)	cepisse (ter capturado)
<b>Inf.Fut.Ativo</b>	amaturus a, um esse (estar por amar)	habiturus a, um esse (estar por ter)	dicturus a, um esse (estar por dizer)	auditurus a, um esse (estar por ouvir)	capturus a, um esse (estar por capturar)
<b>Inf.Pres. Passivo</b>	amari (ser amado)	haberi (ser tido)	dici (ser dito)	audiri (ser ouvido)	capi (ser capturado)
<b>Inf.Pass. Passivo</b>	amatus a, um esse (ter sido amado)	habitus a, um esse (ter sido tido)	dictus a, um esse (ter sido dito)	auditus a, um esse (ter sido ouvido)	captus a, um esse (ter sido capturado)
<b>Inf.Fut Passivo</b>	amatum iri	habitum iri	dictum iri	auditum iri	captum iri

Tabela 1 - Infinitivo no latim (Fonte: Adaptação de Gonçalves, 2007, p. 120).

O latim vulgar, de acordo com os estudos de Väänänen (1985) e de Schaf (2003), em comparação ao latim clássico, apresentava diversas variações. A posição dos constituintes se restringiu como resultado a) “do sincretismo dos casos morfológicos”; b) da “posição dos constituintes [que se] tornou mais rígida”; e c) da substituição dos casos genitivo, dativo e ablativo que foram “gradativamente substituídos pelo emprego da preposição seguida do caso acusativo” (SCHAF, 2003).

No romance, estava em uso nos diferentes dialetos latinos somente um caso: o nominativo (italiano, francês antigo, romeno) ou o acusativo (os dialetos da península Ibérica e o francês). As cinco declinações foram reduzidas a três e as quatro conjugações verbais foram comprimidas em três com neutralização de inúmeras idiosincrasias, como a introdução de conjugações perifrásticas (mais econômicas) e a regularização dos depoentes e das desinências do infinitivo. (SCHAF, 2003, p. 54.).

---

Väänänen (1985) relata a mudança temporal dos verbos do subjuntivo demonstrando que o mais que perfeito do subjuntivo foi ocupando os usos do imperfeito do subjuntivo (desde Cícero) até que, no romance, o mais que perfeito já apresentava em todas as situações o valor do imperfeito.

- (2) *Quis tam dissolutus in re familiari fuisset?*<sup>3</sup>  
Quem **teria sido** tão negligente em seus assuntos particulares?

De acordo com Schaf (2003), no latim vulgar, parece ter ocorrido a supressão da conjunção (*ut*) em “contextos sintáticos de subordinação” e, em outros contextos, a substituição da conjunção por “preposição + infinitivo”. O infinitivo, em latim clássico, não era ligado ao seu regente por preposição, ou seja, “não admitia encaixe em PP (*prepositional phrase*)”, porém, no latim vulgar, isso parece ter se modificado. No exemplo abaixo, é possível notar a supressão de conjunções ou sua substituição por *quod* (preposição + InfP):

- (3) *Tandem impetravit*                       $\emptyset$                       *abiret.*  
Enfim    conseguir-pass.3<sup>a</sup>sg.  $\emptyset$  (supressão do *ut*) sair –imp.sub.3<sup>a</sup>sg.  
“Enfim conseguiu (que) saísse.”
- (4) *Equidem suasi*                      (*ut*) *Romam pergeret.*  
De fato    aconselhar-1<sup>a</sup>sg. (que) Roma    seguir-ImpSub.3<sup>a</sup>sg.  
“De fato, aconselhei (que) se dirigisse a Roma > aconselhei-o a seguir para Roma.”
- (5) *Otiare*                      (*quo*)                      *melius labores.*  
Descansar-imper. (para que) melhor trabalhar-pres.sub.2<sup>a</sup>sg.  
“Descansa (para que) melhor trabalhes > para trabalhares melhor > Descansa para trabalhar melhor.”
- (6) *Quaeso*                       $\emptyset$                       *ignoscas.*  
Pedir-pres.1<sup>a</sup>sg.  $\emptyset$  (supressão do *ut*) perdoar-pres.sub.2<sup>a</sup>sg.  
“Peço-te (que) perdoes > me perdoares<sup>4</sup>”

---

<sup>3</sup> Exemplo de Väänänen (1985) p. 216. Tradução nossa.

<sup>4</sup> Adaptação dos exemplos de Schaf (2003) p. 55.

---

A partir do exposto acima, podemos dar início à apresentação das duas principais hipóteses para a origem do IF – imperfeito do subjuntivo e teoria criadora.

## 2 HIPÓTESES PARA A ORIGEM DO INFINITIVO FLEXIONADO NO PORTUGUÊS

### 2.1 A hipótese do imperfeito do subjuntivo

Vários autores defenderam a teoria do imperfeito do subjuntivo: Wernecke (1885), Gamillscheg (1913), Rodrigues (1914), Lausberg (1962–1963), Osborne (1982), Wireback (1994) e, mais recentemente, Martins (2001), contribuindo com novos dados; porém, os filólogos Gamillscheg (1913) e José Maria Rodrigues (1914) a sistematizaram historicamente de modo mais completo (Cf. MAURER JR., 1968).

Para Gamillscheg (1913), o imperfeito do subjuntivo latino permanecia vivo no momento em que surgiu o infinitivo flexionado e que o IF “tem tanto do subjuntivo imperfeito como do infinitivo” e afirma também que “o seu caráter pessoal deve-o ao subjuntivo imperfeito [enquanto que] o poder ser empregado como qualquer substantivo é próprio do infinitivo [impessoal]” (GAMILLSCHEG, 1913, p. 278 apud MAURER JR, 1968). Abaixo se apresenta um dos exemplos do autor para comprovar a existência do imperfeito do subjuntivo latino, pois, em (7), podemos notar que os verbos *intraret* (*intro* - 1ª conj.) e *perderet* (*perdo* - 3ª conj.) estão ambos no imperfeito do subjuntivo:

- (7) “*et ipse R. roboravit placitum ut, si non renuisset et non duxisset ipsos servos aut per se non venisset, intraret in ipsa custodia, perderet villam suam*”<sup>5</sup>  
(R. determinou que, se ele não desistisse e não trouxesse os servos ou viesse pessoalmente, **ficasse** de novo sob custódia e **perdesse** a sua propriedade).

O trabalho de Rodrigues (1914) sustenta também a hipótese do imperfeito do subjuntivo latino, porém, acrescenta que essa forma verbal sobreviveu na língua portuguesa até o século XVI.

---

<sup>5</sup> Exemplo de Gamillscheg (1913, p. 263) citado em (MAURER JR, 1968, p. 10).

A argumentação principal desta teoria é a de que o imperfeito do subjuntivo latino ainda existia no latim vulgar na região da Galícia e Portugal durante a Idade Média, como já apresentado acima, porém, sem perder sua finitude, teria passado a ser empregado com funções do infinitivo românico. Os argumentos que favorecem essa hipótese são: a supressão da conjunção em sentenças finitas subordinadas com o verbo no imperfeito do subjuntivo, que teriam sido equiparadas com sentenças subordinadas infinitivas, bem como o rearranjo sintático no qual o mais que perfeito do subjuntivo substituiu o imperfeito do subjuntivo (Cf. MARTINS, 2001). Abaixo, expomos a grande semelhança entre o paradigma verbal do mais que perfeito do subjuntivo latino e o imperfeito do subjuntivo português, assim como entre o imperfeito do subjuntivo latino e as formas do infinitivo flexionado no português tomando como exemplo o verbo *prendere* (prender).

	<b>Latim Mais que perfeito do subjuntivo</b>	<b>Português Imperfeito do Subjuntivo</b>
<b>1SG</b>	Prendissem	Prendesse
<b>2SG</b>	Prendisses	Prendesses
<b>3SG</b>	Prendisset	Prendesse
<b>1PL</b>	Prendissemus	Prendêssemos
<b>2PL</b>	Prendissetis	Prendêsseis
<b>3PL</b>	Prendissent	Prendessem

	<b>Latim Imperfeito do subjuntivo</b>	<b>Português Infinitivo Flexionado</b>
<b>1SG</b>	Prenderem	Prender
<b>2SG</b>	Prenderes	Prenderes
<b>3SG</b>	Prenderet	Prender
<b>1PL</b>	Prenderemos	Prendermos
<b>2PL</b>	Prenderetis	Prenderdes
<b>3PL</b>	Prenderent	Prenderem

Tabela 2 - Comparação entre tempos: latim x português.

---

## 2.2 A hipótese criadora

A partir dos estudos de Maurer Jr. (1968) em *O infinito flexionado português*, essa hipótese tornou-se bastante aceita pelos estudiosos do tema. A teoria criadora defende que a origem do IF seria o infinitivo invariável. De acordo com Maurer Jr (1968), a principal diferença entre o infinitivo impessoal e o IF seria o fato de o IF “admitir sujeito próprio”, ou seja, “ser pessoal”, afastando-se, assim, de uma forma nominal de verbo.

Richard Otto (1889), em sua tentativa de explicar a origem do IF, aponta o fato de haver uma ambiguidade dialetal em nível fonológico, na qual houve uma confusão entre o uso dos clíticos e morfemas flexionais (Cf. MAURER JR., 1968, p.67) e retomada por Michaelis que usa como exemplo “andar-nos” que se tornaria “andar-mos”. Porém, Maurer Jr. rejeita que o IF seja originado de um “solecismo” da “ignorância popular” (MAURER JR., 1968, p.102).

José Leite de Vasconcelos (1900), em *Estudos de Filologia Mirandesa*, apresenta o IF com o exemplo “Ter saúde é bom”, no qual, a princípio, o emprego seria impessoal, porém, ao ser considerado pessoal “Ter eu saúde é bom”, o verbo passou de impessoal para pessoal e, portanto, por analogia acrescentou-se ao verbo as desinências número-pessoais uma vez que era necessário concordar sujeito com verbo:

- (8) Ter [eu] saúde é bom.  
Teres [tu] saúde é bom.  
Ter [ele] saúde é bom.  
Termos [nós] saúde é bom.  
Terdes [vós] saúde é bom.  
Terem [eles] saúde é bom.

Vasconcelos (1900) também sinaliza que “as flexões do futuro do subjuntivo nos verbos regulares ajudavam a constituir no infinitivo as flexões pessoais”. Abaixo se encontra o verbo amar (regular) e fazer (irregular) no futuro do subjuntivo para comparação com paradigma do IF.



	Amar		Fazer	
	Infinitivo flexionado	Futuro do subjuntivo	Infinitivo flexionado	Futuro do subjuntivo
1PS	Amar	amar	Fazer	fizer
2PS	Amare	amare	Fazer	fizer
3PS	Amar	amar	Fazer	fizer
1PL	amarmos	amarmos	Fazermos	fizermos
2PL	Amardes	amardes	Fazerdes	fizerdes
3PL	Amarem	amarem	Fazerem	fizerem

Tabela 3 - Futuro do subjuntivo

Como é possível perceber, há grande semelhança entre o paradigma dos verbos regulares do futuro do subjuntivo e o IF. Entretanto, nos verbos irregulares a raiz verbal é diferente nos dois tempos. Para tratar dessa diferença de raiz, faremos uma análise pautada na Morfologia Distribuída (HALLE E MARANTZ, 1993,1994) e na noção de fases (EMBICK, 2010) nos tempos futuros do português e também no infinitivo flexionado.

### 2.2.1 Maurer Jr (1968)

Os argumentos de Maurer Jr. (1968) a favor da teoria criadora são quatro:

i) O aparecimento do infinitivo preposicionado no latim vulgar.

Segundo o autor, essa “inovação” aumentou o emprego dos infinitivos, resultando num emprego com a maioria das preposições.

ii) A criação de uma oração infinitiva (normalmente preposicionada) com sujeito no caso nominativo.

As orações infinitivas de “sentido genérico e indeterminado” transformaram-se em orações infinitivas com sujeito nominativo, afetando desta forma a natureza do verbo infinitivo que passou a se aproximar de uma forma verbal finita.

iii) A transferência analógica das desinências pessoais das formas finitas do verbo ao infinitivo, nos casos em que este admitia um sujeito nominativo.

Através do fenômeno do verbo infinitivo passar a ter um sujeito nominativo, sua invariabilidade flexional o teria deixado “anômalo” em relação às demais conjugações; portanto, a hipótese do estudioso é a de que o futuro do

---

subjuntivo, por ter o radical semelhante ao infinitivo, concorreu com o infinitivo flexionado, contribuindo para uma “confusão” entre as duas formas e resultando na incorporação destas desinências numero-pessoais ao IF.

- iv) A lenta, mas progressiva, extensão da forma flexionada a construções nas quais se usava primitivamente o infinitivo invariável, desde que elas pudessem ter um sentido pessoal claro ou latente. (MAURER JR, 1968, p.100-101).

Para refutar os argumentos para a hipótese do imperfeito do subjuntivo, Maurer Jr (1968) afirma que:

- i) Não há indícios positivos para a sobrevivência do imperfeito do subjuntivo no português;
- ii) Os empregos do infinitivo flexionado correspondem parcialmente aos empregos do imperfeito subjuntivo latino;
- iii) A distância entre a sintaxe dessas duas formas aumenta, ao invés de diminuir com o recuo do tempo;
- iv) A omissão da conjunção *ut* se dava nas orações completivas, com exceção das orações finais, nas quais o uso do infinitivo flexionado é mais recorrente (MAURER Jr., 1968, p.99).

### 3 CONTRIBUIÇÕES MAIS RECENTES PARA A TEORIA DO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO

Embora muitos trabalhos tenham sido realizados sobre a origem do IF, o IF seguiu intrigando a estudiosos. Nos anos mais recentes, dois novos estudos acrescentaram dados novos para a hipótese de origem do IF no português: Wireback (1994) e Martins (2001), dos quais trataremos nas seções a seguir.

#### 3.1 Wireback (1994)

Kenneth J. Wireback (1994), em *The Origin of the Portuguese Inflected Infinitive*, primeiramente, apresenta os contextos nos quais o IF pode ocorrer: a) depois de expressões impessoais onde o IF está posposto (É imprescindível partirmos já); b) em orações declarativas (Garantiu os livros *estarem* no porão); c) após verbos de percepção (Vi os rapazes *fazerem* a comida); d) após verbos factivos (Lamento os deputados *terem* trabalhado pouco); e) após preposição (Ele abriu a cancela para os cavalos *entrarem* no curral) – que será o contexto usado pelo estudioso para fazer sua contribuição sobre a origem do IF. Antes de

---

apresentar sua análise, Wireback (1994) apresenta três critérios aos quais a hipótese para a origem do IF deve atender:

- i) A existência de uma forma verbal com a qual o IF possa ter se relacionado por analogia;
- ii) A existência de um contexto sintático semelhante das duas formas verbais que teria possibilitado a transferência morfológica de concordância de número e pessoa;
- iii) E que este contexto sintático, o qual as duas formas verbais compartilham, esteja presente no português antigo.

A seguir, o autor apresenta as duas hipóteses de origem do IF para colocar à mostra as inconsistências que encontra nelas, a partir dos critérios que estabeleceu. Ao analisar os argumentos da teoria do imperfeito do subjuntivo latino (doravante ImpSubL), observa que o mais que perfeito do subjuntivo latino ocupou os usos do imperfeito do subjuntivo devido a algumas peculiaridades deste. Ao citar Harris (1978), o estudioso apresenta que o imperfeito do subjuntivo era um tempo instável, pois possuía alguns usos de que não correspondiam a um uso de passado, eram usos que se pautavam na impossibilidade e/ou improbabilidade de uma ação hipotética. Essa instabilidade somada à saliência fonética do mais que perfeito do subjuntivo tornaram-no o principal passado do modo subjuntivo. No século terceiro D.C., o mais que perfeito já era dominante nas línguas românicas.

Wireback (1994) analisa as três questões centrais sobre as quais gira a ImpSubL. A primeira questão é a sobrevivência do imperfeito do subjuntivo latino no território português que é comprovada pelos exemplos do século XI do Latim Medieval dos estudos de Rodrigues:

- (9) *Et intrarunt in placito testimoniale pro in tertio die darent testes sicut et fecerunt.* (And they began the hearing in order to, on the third day, provide witnesses, and they did this.). O termo *pro darent* equivale a *ut darent* do latim clássico.

A segunda questão diz respeito aos desenvolvimentos fonológicos capazes de vincular o paradigma do imperfeito do subjuntivo latino ao IF. Essa questão também colabora com a teoria ImpSubL, pois a 1SG, 2SG, 3SG e 3PL do imperfeito do subjuntivo são muito semelhantes às respectivas pessoas no IF (conforme tabela 2). A perda do /m/ e /t/ finais e a apócope do /e/ final estão bem

---

documentados no ibero-romance. Porém, desenvolvimentos normais teriam produzido “amaremos” no lugar de “*amaremus*”1PL e “amaredes” no lugar de “*amaretis*”2PL. Nesses casos, o /e/ pós-tônico foi excluído em decorrência da saliência fônica. O terceiro alicerce da teoria ImpSubL é a mudança do imperfeito do subjuntivo com tempo para o infinitivo impessoal sem tempo. Isso se explica devido às mudanças fonológicas que, como resultado, fizeram com que o imperfeito do subjuntivo se parecesse muito com o infinitivo dos verbos somados à marca de concordância de número e pessoa. Porém, o autor se indaga sobre uma questão que a teoria ImpSubL ainda carece de provar – o imperfeito do subjuntivo aparecia nos mesmos contextos sintáticos em que o IF aparece no português antigo?

Gamillscheg (1970) apresenta o contexto das sentenças volitivas depois da conjunção *ut*, que foi sendo deixada de ser usada (*placuit ut traderet* -> *placuit traderet* – “foi acordado que ele delegasse”). Essa é a primeira inconsistência encontrada por Wireback (1994, pois, no latim, construções com elipse de *ut* eram comuns, mas, no português, as elipses de *ut* não eram comuns com o uso do IF (*rogavi (ut) scriberes* (latim) -> \*pedi escreveres (português)). A partir dessa inconsistência, o autor conclui que essa teoria não atende ao critério 3 proposto por sua pesquisa e, então, passa para a análise da teoria criadora.

A hipótese criadora tem como pilar para a origem do IF i) a questão das orações infinitivas admitirem um sujeito lexical e ii) a marca de número e pessoa ter sido acrescida no infinitivo impessoal por analogia com a forma do futuro do subjuntivo português dos verbos regulares (ver tabela 3 acima) e que se estendeu e se regularizou nos verbos irregulares do futuro do subjuntivo. A inconsistência mais importante dessa teoria para o autor está no fato de que a hipótese criadora não satisfaz ao critério 2, pois o futuro do subjuntivo e o infinitivo flexionado não compartilham o mesmo ambiente sintático. Se se postula que o IF adquiriu por analogia a flexão de concordância do futuro do subjuntivo, deveria haver pelo menos um caso em que ambas as formas se equivalem sintaticamente com pequenas diferenças. Porém, o futuro do subjuntivo ocorre depois de advérbios e da conjunção “se”, entretanto, o IF não ocorre nesses contextos.

A fim de solucionar tais inconsistências, o estudioso analisa o uso do IF em 153 sentenças no português antigo (1400 ou antes).

CONTEXTO	OCORRÊNCIA	PORCENTAGEM
PERA/POR	92	60,1
DE	44	28,8
outras preposições: SEM, ATÉ, COM, EM	10	6,5
outros contextos: sujeito extraposto, depois de 'dever', depois	7	4,6

Tabela 4 - Dados do Wireback – preposições.

O primeiro dado aparente diz respeito ao fato de a preposição ser o primeiro elemento que induz ao IF (*E por tanto te escolho pera pregares omeu nome*). Sem distinguir pelo tipo de preposição, o resultado do IF seguido preposição é de 95,4%. Dentre as preposições que aparecem nas sentenças analisadas, “pera” e “por” são as mais frequentes, ou seja, os contextos em que mais se aparecia o IF no português antigo eram contextos de *purpose clauses* – orações finais. Porém, nenhuma das hipóteses já apresentadas para a origem do IF corrobora com estes dados. E a ocorrência de sujeito lexical nas infinitivas que é a hipótese de Maurer Jr apresenta-se em poucos usos nos dados de Wireback, apenas 10% dos dados.

Sujeito	Ocorrência	Porcentagem (%)
<b>Sem sujeito lexical</b>	138	90.2
<b>Com sujeito lexical</b>	15	9.8

Tabela 5 - Sujeito lexical no infinitivo flexionado

A análise de Wireback cria problemas para as duas teorias. Contudo, o autor se posiciona e assume a hipótese ImpSubL. Para justificar sua posição com base nos dados que observou, o estudioso opta por buscar explicação para a origem do IF segundo a hipótese ImpSubL, não por meio de sentenças volitivas, mas através das orações finais.

Ernout & Thomas (1969) afirmam que o imperfeito do subjuntivo primária de orações finais no modo subjuntivo (*id tibi dedi ut memor esses (dedi – INF PRES PASS esses – IMP SUBJ)* ‘Eu te dei isso para que você estivesse ciente disso’). Até o século terceiro D.C., o mais que perfeito já havia tomado a forma de passado do subjuntivo, porém o imperfeito sobrevivia pelo menos em orações finais:

---

(10) *iter sic fuit ut per medium transversaremus caput ipsius vallis...*

*fuit*: ser – pass-3<sup>a</sup>sg. *transversaremus*: atravessar –imp.sub.1<sup>a</sup>pl.

“A viagem foi feita de tal maneira que atravessamos pelo meio da cabeça do vale...”.

Além de *ut* + imperfeito em orações finais, no latim também se utilizava o infinitivo (*vado piscari* ‘vou pescar’). Em certo estágio do Luso-Romance havia duas formas para indicar relação de propósito/finalidade: *ut*+subjuntivo ou *ut*+infinitivo. Contudo, *ut* foi sendo eliminada e, com a regularização fonológica, o imperfeito do subjuntivo começou a parecer um infinitivo com flexões de número e pessoa. Harris (1978) propõe a seguinte analogia: primeiro, no latim clássico, o infinitivo presente ativo já era usado com função nominal (*Errare est humanum* ‘Errar é humano’); estes nomes também ocorriam depois de preposição. Então, “por” seria resultado do latim “pro”, enquanto “pera” conservaria a função de finalidade do latim e ambas, no português antigo, poderiam ser usadas precedendo nomes e infinitivos (por ele -> por defender).

Da mesma forma que *Romam* (para Roma) tornou-se *ad Roma(m)* e *mecum* (comigo) desenvolveu-se para *cum+mecum* (comigo), seria uma etapa lógica a extensão deste modelo para *prep.+inf* aumentando a função de finalidade com *peral/por*: *fazerem* -> *pera fazerem*. Então, supõe o autor, que a razão para o IF no português antigo ocorrer junto de *peral/por*, ao contrário, de sua colocação junto a outras preposições ocorre pelo fato do IF manter a função de finalidade decorrente do seu desenvolvimento do imperfeito do subjuntivo latino. Esse uso de *prep.+inf* acabou por se estender às outras preposições (de, sem, até).

Por fim, Wireback sistematiza em 5 etapas o desenvolvimento do imperfeito do subjuntivo latino até se tornar o IF do português: i) a supressão de *ut* e a regularização fonológica do imperfeito do subjuntivo latino o faz começar a parecer um IF; ii) o uso desta forma verbal em contextos de finalidade coincide com o uso do IF neste contexto; iii) a intercambialidade das duas formas verbais em contextos de finalidade permitiu que o infinitivo adotasse as flexões número/pessoa do imperfeito do subjuntivo e este fosse identificado como um IF; iv) essas sentenças infinitivas finais foram incorporadas ao modelo *prep+inf* através da adição de *peral/por*; v) a partir do contexto original de finalidade, o IF se expandiu para outros contextos em posição pós preposição como, por exemplo, depois de “de” e em contextos sem preposição no português moderno (Receio *terem* vindo cedo demais).

---

### 3.2 Martins (2001)

Martins (2001) faz uma análise gerativa de sentenças com IF no português antigo em comparação ao português moderno. Ela observa que sentenças infinitivas no português antigo não são possíveis se ocuparem o complemento de verbos causativos e de percepção (casos de marcação excepcional de Caso – ECM), diferentemente do que ocorre no português moderno. Abaixo, encontram-se exemplos de verbos causativos/perceptivos seguidos de infinitivo impessoal e flexionado no português moderno:

- (11) a. Mandei/Vi os policiais prender o ladrão<sup>6</sup>  
b. Mandei/Vi os policiais prenderem o ladrão

Nesse contexto, infinitivos flexionados não são permitidos no português antigo (século XIV e XV), somente no século XVI as sentenças infinitivas flexionadas como complemento de verbos de ECM tornaram-se comuns. No português antigo, com poucas exceções, o clítico objeto encaixado é movido do complemento infinitivo para o verbo principal. Já no português moderno, a subida do clítico é opcional e as sentenças infinitivas podem ser negativas, por isso, todas as sentenças abaixo são gramaticais em português moderno, mas no português antigo, somente (12a) e (13a) são comuns.

- (12) a. O médico mandou-o beber muita água.  
b. O médico mandou-o não beber vinho.
- (13) a. Mandou-lho entregar.  
b. Mandou entregar-lho.

Esse conjunto de fatos, para a autora, serve para explicar os complementos infinitivos de verbos de ECM no português antigo como tendo uma estrutura reduzida, um TP. Verbos de ECM selecionam complementos infinitivos que não suportam concordância, negação ou uma posição sintática para cliticização.

No português europeu moderno, as sentenças infinitivas só ocorrem encaixadas, não sendo independentes. Mas, no português antigo, o infinitivo flexionado aparecia comumente em domínios não encaixados:

---

<sup>6</sup> Esses exemplos são do PE, não de PB.

---

The relevant clauses have an imperative import and are either independent clauses or the matrix part of a conditional construction. These ‘stipulative’ infinitival clauses are attested in legal documents from the late twelfth century up to the sixteenth century, being more frequent during the first half of this period (MARTINS, 2001, p. 215).

E estes contextos das sentenças infinitivas não encaixadas alternam com sentenças subjuntivas no português antigo.

- (14) *e se achassem que Moor Eanes siia no plazo con seu marido ualerlj seu plazo* (1273)<sup>7</sup>  
achassem-subj-imperf-3pl  
manter –inf. flex-3sg
- (15) *e se achassem que non siia no plazo (...) que lhe fezesse o Abade plazo* (1273)  
achassem-subj-imperf-3pl  
fezesse-subj-imperf-3sg
- (16) *E ffazerem a dita cassa e Reffazerem de todo casso fortuyto* (1407)  
Ffazerem-inf-flex-3pl refazerem-inf-flex-3pl
- (17) *E a faca e refaca de todo caso furtuyto* (1414)  
faca – pres-subj-3sg refaca- pres-subj-3sg

Uma análise para o infinitivo imperativo do português antigo seria postular a existência de um modal não realizado fonologicamente ou verbo causativo que selecionaria um infinitivo como complemento: “O modal vazio, ou causativo, seria, por sua vez, licenciado por um operador em Comp decodificando a força ilocucionária”<sup>8</sup>. Mas essa análise apresenta problemas, os quais fogem dos objetivos desse trabalho. Em todas as línguas românicas observadas por Kayne (1992) e Zanuttini (1997), esse infinitivo imperativo somente é possível em sentenças negativas, o que os leva a concluir que a negação é o marcador que licencia um modal vazio ou causativo.

A alternativa de análise encontrada pela autora foi a de que o infinitivo flexionado no português antigo era um T, como um T finito (atribuidor de Caso nominativo): “Isso seria obtido pela adjunção de um T a Agr e, portanto, entraria em uma relação de checagem com Agr e sua posição de especificador (ou o NP

---

<sup>7</sup> Os exemplos foram retirados de Martins 1994, Vol. 2, p.460.

<sup>8</sup> Tradução nossa. “The empty modal, or causative, would be in turn licensed by a directive operator in Comp encoding the ‘imperative’ illocutionary force”.



---

sujeito poderia ser checado na posição de especificador de T com T se adjungindo a Agr posteriormente)” (tradução nossa).

Para explicar o que causa a agramaticalidade das sentenças infinitivas imperativas no português moderno, a autora diz que não há atribuidor de Caso externo que possa ativar o traço inerente de T [*assign Case*]. Portanto, nem o Agr [+Caso], tampouco o sujeito nominativo pode ser licenciado. A questão que fica é a de que se os infinitivos flexionados no português antigo podem checar Caso nominativo, porque eles não ocorrem irrestritamente como sentenças independentes? Martins encontra esta resposta no caráter dependente que o infinitivo compartilha com o subjuntivo. Tsoulas (1995) diz que “nós podemos observar que o subjuntivo e o infinitivo se equivalem na indefinidade temporal no domínio da sentença” (tradução nossa). Os tempos infinitivos e subjuntivos têm um caráter dependente que precisa ser ancorado em um tempo não dependente, ou ser licenciador por certos operadores. A estudiosa se questiona, então, sobre o que diferencia as sentenças infinitivas das subjuntivas e a sua resposta está no complementizador “que”.

A partir de sua análise, Martins apresenta que o infinitivo flexionado no português antigo compartilhava propriedades de atribuição de Caso como em sentenças finitas, diferenciando delas apenas por possuir um T dependente. Assim, postula que seus resultados contribuem para a hipótese da origem do IF pelo imperfeito do subjuntivo latino. A mudança do português antigo para português moderno pode ser vista como um movimento do infinitivo flexionado nascido do imperfeito do subjuntivo em direção ao infinitivo simples.

Para a autora, embora haja a possibilidade de sujeito nominativo em infinitivas não flexionadas em diferentes línguas românicas e que isso tenha sido usado como argumento para a hipótese criadora, ainda não foram feitos trabalhos comparando o infinitivo flexionado português e da Galícia com esses infinitivos não flexionados com sujeito nominativo.

Na próxima seção, faremos uma análise das flexões do infinitivo flexionado e do futuro do subjuntivo baseada na MD.

## 4 ANÁLISE DAS FLEXÕES DO INFINITIVO FLEXIONADO E DO FUTURO DO SUBJUNTIVO PELA MD

### 4.1 Morfologia Distribuída

A partir do exposto acima, este trabalho também se vale da Morfologia Distribuída, (doravante MD), vertente da Gramática Gerativa, postulada por Halle e Marantz (1993,1994), como pressuposto teórico para fazer uma análise das flexões do IF e do futuro do subjuntivo.

A MD é uma teoria sintática de morfologia baseada em peças: assume-se que as expressões/objetos linguísticos complexos são construídos a partir de morfemas, cuja combinação se dá por meio de operações em estruturas sintáticas. (SCHER, BASSANI & MINUSSI, 2013, p. 18). Em suma, para a MD toda formação de palavra é resultado de uma operação computacional (Cf. SCHER, BASSANI & MINUSSI, 2013).

A MD apresenta uma arquitetura da gramática diferente da vertente lexicalista, pois reduz de duas computações - lexical e sintática - para uma: a computação sintática. Essa opera com raízes e conjuntos de traços abstratos (gramaticais e semânticos) – os morfemas abstratos. Os traços abstratos passam pelas operações *merge* e *move* e, assim, resultam em unidades lexicais. Ao mesmo tempo o componente sintático gera as sentenças. A composição da Arquitetura da Gramática passa a se dar por meio de três listas (Cf. SCHER, BASSANI & MINUSSI, 2013).

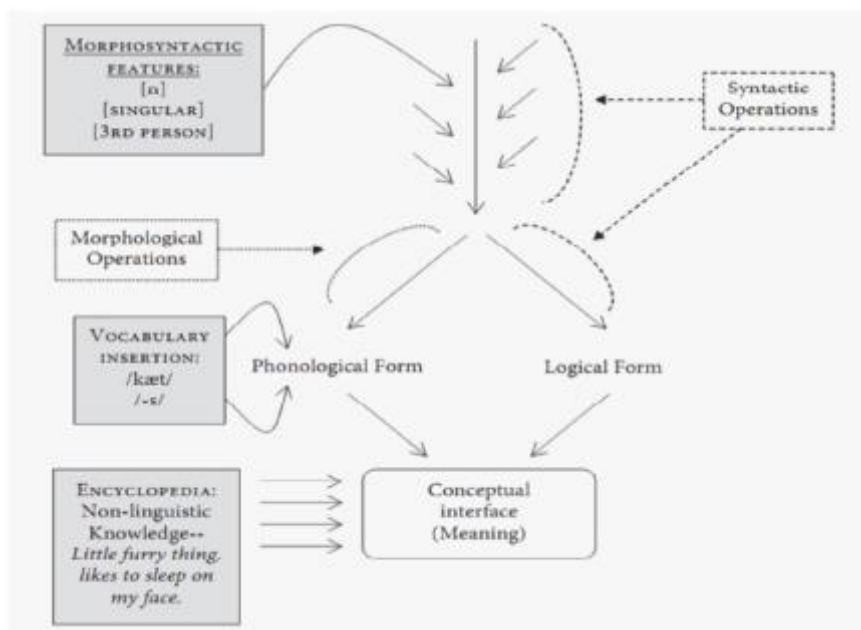


Figura 1 - Morfologia Distribuída - Sidiqqi (2009, p. 14).

---

A Lista 1 é o componente que cede o *input* para a sintaxe. Nela estão os traços abstratos: [presente], [futuro], [passado], [singular], [plural], [nominativo], [acusativo], [ativa], [passiva], etc, bem como os categorizadores, que ao se anexarem às raízes na sintaxe, formam nomes, adjetivos e verbos. Na sintaxe, esses traços serão submetidos a operações sintáticas resultando em nós terminais/morfemas abstratos, que serão enviados por meio da operação *Spell-Out* para a PF e a LF. Esses elementos ainda estão destituídos de conteúdo fonológico<sup>9</sup> e a operação na qual o *Spell-out Morfológico* insere esse conteúdo se chama *Inserção Tardia*.

A Inserção Tardia tem como característica a subespecificação dos Itens de *Vocabulário*, que são regras responsáveis por unir o material fonológico ao material contido na estrutura sintática. Assim sendo, a Inserção Tardia é regida pelo *Princípio do Subconjunto*, segundo o qual os itens do *Vocabulário* não precisam ser plenamente especificados para inserção em uma determinada posição sintática. Basta que eles não possuam traços que não existem no nó terminal. (SCHER, BASSANI & MINUSSI, 2013, p. 23.).

Seguindo para a PF, encontramos a Lista 2 ou *Vocabulário*, onde se armazenam os Itens de *Vocabulário*. Esses itens são regras, como já dissemos, que unem os traços abstratos às informações fonológicas. Um item de *Vocabulário* se insere após uma competição entre itens “elegíveis para aquele nó”, porque na MD, a operação se dá com traços abstratos e não com palavras já constituídas.

Na Lista 3 ou *Enciclopédia*, por fim, temos o conhecimento extralinguístico, o conhecimento de mundo do falante (Cf. SCHER, BASSANI & MINUSSI, 2013).

## 4.2 O infinitivo flexionado e a sua relação com outros tempos verbais.

Com o intuito de investigar um dos argumentos de Maurer Jr. (1968) - o de que o IF teria surgido por analogia das desinências número-pessoais do futuro do subjuntivo - e para retomar o objetivo deste trabalho que é: contribuir para as discussões sobre a origem do IF no português; iniciamos uma breve análise sobre as flexões verbais do futuro do subjuntivo e do IF pautada na MD. Para iniciar a

---

<sup>9</sup> Nem todos os autores são favoráveis à falta de conteúdo fonológico para todos os elementos. Contudo, não entraremos nesse debate, pois ele está fora dos objetivos deste trabalho.

análise com o futuro do subjuntivo, foi necessário, primeiramente, investigar os futuros do indicativo do português.

#### 4.2.1 Futuros do Indicativo

No latim, o futuro do indicativo era construído com “-bo, -bi, -bu” na 1ª e 2ª conjugação, mas construído em “-e” nas 3ª, 4ª e 3ª/4ª conjugação. De acordo com Coutinho (1974), em sua *Gramática histórica*, não foram dessas formas verbais que resultaram no futuro do português, mas sim, de uma perífrase verbal composta por: infinitivo + verbo *habere* (ter, considerar). A hipótese para explicar esse fato é a de que as formas de futuro se confundiam com o perfeito do indicativo (*amabimus x amauimus* – amaremos x amamos), bem como com algumas formas do subjuntivo e indicativo presente (*leges x legis* (lerás x lês) e *legam x legam* (lerei x leia)).

<b>CANTO</b>		<b>BEBO</b>		<b>DUCO</b>	
1SG	cantabo	1SG	Bebabo	1SG	Ducam
2SG	cantabis	2SG	Bebabis	2SG	Duces
3SG	cantabit	3SG	Bebabit	3SG	Ducet
1PL	cantabimus	1PL	Bebabimus	1PL	ducemus
2PL	cantabitis	2PL	Bebabitis	2PL	Ducetis
3PL	cantabunt	3PL	Bebabunt	3PL	Ducent

<b>DORMIO</b>		<b>CAPIO</b>	
1SG	dormiam, dormibo	1SG	Capiam
2SG	dormies	2SG	Capies
3SG	dormiet	3SG	Capiet
1PL	dormiemus	1PL	Capiemus
2PL	dormietis	2PL	Capietis
3PL	dormient	3PL	Capient

Segundo o autor, a posição do infinitivo na construção era variável, podendo vir na primeira ou segunda posição, entretanto, na primeira fase do romance, a primeira posição tornou-se regular: *tollere habet* (destruirá) (Santo Agostinho apud COUTINHO, 1974, p. 276). A partir do relato acima, os futuros do indicativo no português teriam sido formado por:  
infinitivo + *habere*:

Presente = Futuro do Presente

habeo>\*aio

habes>\*ás

habet>\*át

habemus>\*émus

habetis>\*étis

habent>\*ánt

Pretérito Imperfeito = Futuro do Pretérito

habebam>\*éam →ia

habebas>\*éas →ias

habebat>\*éat →ia

habebamus>\*éamus →íamos

habebatis>\*éatis →íeis

habebant>\*éant →iam

A partir desse estudo, consideramos, neste trabalho, que dentro dos futuros do indicativo no português há um –R infinitivo, dada sua origem, e não –R como marca de futuro como apresentado por Santana (2016) em sua análise sintática para a flexão de futuro. O futuro do presente seria a fusão<sup>10</sup> do traço de infinitivo, realizado por /r/, com os traços de T (tempo), como mostraremos na tabela 6, a seguir. Desse modo, o futuro do pretérito seria a fusão do traço de infinitivo com o traço de imperfeito (realizado por /ia/, além dos traços de número-pessoa, tabela 7).

Esta análise se vale do estudo de Bassani & Lunguinho (2011) sobre flexões verbais no presente, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. Adotamos os itens de vocabulário elencados pelos autores para analisar os futuros e o infinitivo flexionado, acrescentando outros itens, que achamos pertinentes.

Assim, para nossa análise tomaremos os seguintes Itens de vocabulário:

/a/ → [C<sub>1</sub>] (Classe I)

/e/ → [C<sub>2</sub>] (Classe II)

/i/ → [C<sub>3</sub>] (Classe III)

/r/ → [inf] (infinitivo)

/u/ → [pret.perf, sg] (pretérito perfeito, singular)

/raN/ → [pret.perf, pl] (pretérito perfeito, plural)

/ia/ → [imp]<sup>11</sup> (imperfeito)

/o/ → [pres, 1, sg] (presente, 1, singular)

/i/ → [1, sg]

/mos/ → [1, pl]

/N/ → [pl]

/Ø/ → elsewhere

<sup>10</sup> “A fusão de núcleos é entendida por Siddiqi (2009) como uma restrição de economia universal das línguas naturais denominada *Minimize exponence*, segundo a qual a derivação mais econômica será aquela que conseguir realizar o maior número de traços formais com o menor número de morfemas (fonologicamente realizados). Desse modo, a aglutinação de traços em um único nó terminal é uma forma de economia de realização, já que implica a inserção de menor número de morfemas fonologicamente abertos”. (BASSANI & LUNGUINHO, 2011, p.13).

<sup>11</sup> Fizemos uma pequena modificação nos itens de vocabulário do estudo supracitado, tomando o traço de pretérito imperfeito /ia/ como sendo, na verdade, um aspecto imperfeito.

*Futuro do Presente*

CANTAR		√	[C <sub>1</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 1 1ª Conjugação	1SG	/cant/	/a/	/r/	/e/	/i/
	2SG	/cant/	/a/	/r/		/a/
	3SG	/cant/	/a/	/r/		/a/
	1PL	/cant/	/a/	/r/	/e/	/mos/
	2PL	/cant/	/a/	/r/		/N/
	3PL	/cant/	/a/	/r/		/N/
<hr/>						
BEBER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 2 2ª Conjugação	1SG	/beb/	/e/	/r/	/e/	/i/
	2SG	/beb/	/e/	/r/		/a/
	3SG	/beb/	/e/	/r/		/a/
	1PL	/beb/	/e/	/r/	/e/	/mos/
	2PL	/beb/	/e/	/r/		/N/
	3PL	/beb/	/e/	/r/		/N/
<hr/>						
DORMIR		√	[C <sub>3</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 3 3ª Conjugação	1SG	/dorm/	/i/	/r/	/e/	/i/
	2SG	/dorm/	/i/	/r/		/a/
	3SG	/dorm/	/i/	/r/		/a/
	1PL	/dorm/	/i/	/r/	/e/	/mos/
	2PL	/dorm/	/i/	/r/		/N/
	3PL	/dorm/	/i/	/r/		/N/
<hr/>						
<b>IRREGULAR</b>						
FAZER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 2 2ª Conjugação	1SG	/fa/	∅	/r/	/e/	/i/
	2SG	/fa/	∅	/r/		/a/
	3SG	/fa/	∅	/r/		/a/
	1PL	/fa/	∅	/r/	/e/	/mos/
	2PL	/fa/	∅	/r/		/N/
	3PL	/fa/	∅	/r/		/N/

Tabela 6 - Futuro do Presente

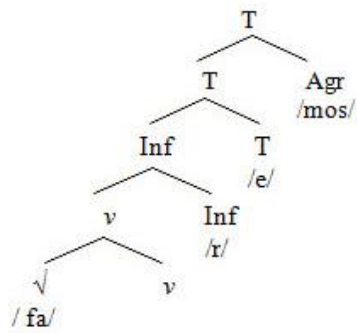
*Futuro do Pretérito*

CANTAR		√	[C <sub>1</sub> ]	INF	Imp	Agr
CLASSE 1 1ª Conjugação	1SG	/cant/	/a/	/r/	/ia/	Ø
	2SG	/cant/	/a/	/r/	/ia/	Ø
	3SG	/cant/	/a/	/r/	/ia/	Ø
	1PL	/cant/	/a/	/r/	/ia/	/mos/
	2PL	/cant/	/a/	/r/	/ia/	/N/
	3PL	/cant/	/a/	/r/	/ia/	/N/
BEBER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF	Imp	Agr
CLASSE 2 2ª Conjugação	1SG	/beb/	/e/	/r/	/ia/	Ø
	2SG	/beb/	/e/	/r/	/ia/	Ø
	3SG	/beb/	/e/	/r/	/ia/	Ø
	1PL	/beb/	/e/	/r/	/ia/	/mos/
	2PL	/beb/	/e/	/r/	/ia/	/N/
	3PL	/beb/	/e/	/r/	/ia/	/N/
DORMIR		√	[C <sub>3</sub> ]	INF	Imp	Agr
CLASSE 3 3ª Conjugação	1SG	/dorm/	/i/	/r/	/ia/	Ø
	2SG	/dorm/	/i/	/r/	/ia/	Ø
	3SG	/dorm/	/i/	/r/	/ia/	Ø
	1PL	/dorm/	/i/	/r/	/ia/	/mos/
	2PL	/dorm/	/i/	/r/	/ia/	/N/
	3PL	/dorm/	/i/	/r/	/ia/	/N/
<b>IRREGULAR</b>						
FAZER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF	Imp	Agr
CLASSE 2 2ª Conjugação	1SG	/fa/	Ø	/r/	/ia/	Ø
	2SG	/fa/	Ø	/r/	/ia/	Ø
	3SG	/fa/	Ø	/r/	/ia/	Ø
	1PL	/fa/	Ø	/r/	/ia/	/mos/
	2PL	/fa/	Ø	/r/	/ia/	/N/
	3PL	/fa/	Ø	/r/	/ia/	/N/

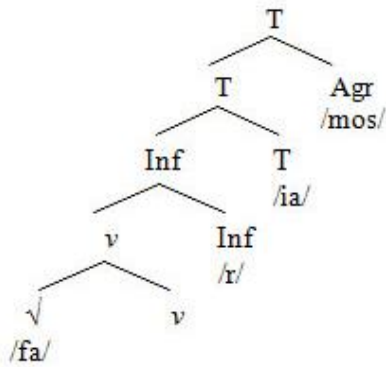
Tabela 7 - Futuro do Pretérito

A representação do futuro do presente e do pretérito encontra-se a seguir:

(19) Futuro do Presente – 1ª pl



(20) Futuro do Pretérito – 1ª pl.



4.2.2 Futuro do Subjuntivo

Passemos aos verbos no futuro do subjuntivo. O futuro do subjuntivo seria formado pela fusão do traço de infinitivo, realizado por /r/ com os traços de T (tempo). Porém, há uma questão intrigante neste tempo. Ao observar a tabela 8 abaixo, notamos uma alomorfia de raiz no verbo - fazer. Tal alomorfia está presente apenas nos verbos irregulares e ocorre conjuntamente ao abaixamento da vogal média de [e] para [ɛ]. Para tratar dessa alomorfia, utilizaremos, a seguir, os estudos de Embick (2010).



CANTAR		√	[C <sub>1</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 1 1ª Conjugação	1SG	/cant/	/a/	/r/	∅	∅
	2SG	/cant/	/a/	/r/	∅	∅
	3SG	/cant/	/a/	/r/	∅	∅
	1PL	/cant/	/a/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/cant/	/a/	/r/	/e/	/N/
	3PL	/cant/	/a/	/r/	/e/	/N/
BEBER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 2 2ª Conjugação	1SG	/beb/	/e/	/r/	∅	∅
	2SG	/beb/	/e/	/r/	∅	∅
	3SG	/beb/	/e/	/r/	∅	∅
	1PL	/beb/	/e/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/beb/	/e/	/r/	/e/	/N/
	3PL	/beb/	/e/	/r/	/e/	/N/
DORMIR		√	[C <sub>3</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 3 3ª Conjugação	1SG	/dorm/	/i/	/r/	∅	∅
	2SG	/dorm/	/i/	/r/	∅	∅
	3SG	/dorm/	/i/	/r/	∅	∅
	1PL	/dorm/	/i/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/dorm/	/i/	/r/	/e/	/N/
	3PL	/dorm/	/i/	/r/	/e/	/N/
	<b>IRREGULAR</b>					
FAZER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF	T	Agr
CLASSE 2 2ª Conjugação	1SG	/fiz/	[ε]	/r/	∅	∅
	2SG	/fiz/	[ε]	/r/	∅	∅
	3SG	/fiz/	[ε]	/r/	∅	∅
	1PL	/fiz/	[ε]	/r/	∅	/mos/
	2PL	/fiz/	[ε]	/r/	/e/	/N/
	3PL	/fiz/	[ε]	/r/	/e/	/N/

Tabela 8 - Futuro do Subjuntivo

Sugerimos, seguindo Embick (2010), que há uma questão de localidade alomórfica em jogo: há algum contexto morfológico que provoca a mudança da raiz nos verbos irregulares?

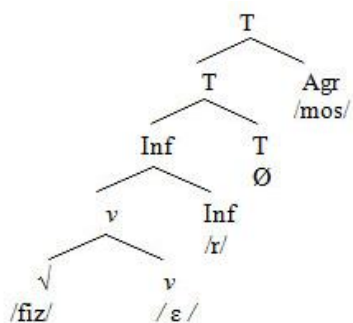
Para Embick (2010), há um sistema que determina os efeitos morfológicos. Tal sistema se caracteriza por possuir: (i) derivação cíclica; (ii) relações estruturais

hierárquicas determinadas pela sintaxe; e (iii) relações lineares derivadas, a partir da estrutura hierárquica (no componente PF da gramática, por hipótese). Para fins de alomorfa, um nó pode enxergar outro nó quando eles são linearmente adjacentes. E, além disso, está em jogo a ciclicidade, pois só há interação entre nós se esses estiverem presentes no mesmo ciclo de PF. Portanto, cada passo da formação de uma dada palavra, nesse caso, das formas verbais, pode influenciar o próximo passo, desde que eles estejam no mesmo ciclo.

A partir desses pressupostos, podemos lançar luz sobre a questão da alomorfa das raízes dos verbos irregulares do futuro do subjuntivo. Para exemplificar, trouxemos para análise o verbo *fazer*. Assumimos que os traços de futuro, resultado da fusão de infinitivo /r/ e T, passam pela vogal temática mudando a vogal/e/ em /ε/ em PF e tal mudança, por sua vez, afeta a fonologia da raiz mudando /faz/ para /fiz/. Todos os seguimentos estão no mesmo ciclo e os traços T são adjacentes à vogal temática que, por sua vez, é adjacente à raiz. Maiores observações precisam ser realizadas, principalmente, sobre como esse fato dialoga com a teoria de Embick (2010). Contudo, no momento, parece-nos que o gatilho para a mudança da vogal temática seja a presença de um núcleo de T° na estrutura do futuro do subjuntivo. Tal núcleo de T° não está presente na estrutura do IF e, assim, não ocasiona a mudança da vogal temática, nem a forma fonológica da raiz, como veremos na análise para o infinitivo flexionado na próxima subseção.

A representação da estrutura com os Itens de vocabulário para o nó do tempo futuro do subjuntivo está abaixo:

(21)



Esse fenômeno não ocorre apenas no futuro do subjuntivo (*fiz/ε/rmos*), mas também no pretérito imperfeito do subjuntivo (*fiz/ε/ssemos*). É intrigante a ocorrência desse fenômeno e abre caminhos para investigações dentro do modelo

da MD e sobre as flexões verbais do futuro, a fim de mapear o que, de fato, está acontecendo nesses verbos irregulares.

#### 4.2.3 Infinitivo flexionado

A partir do que foi exposto acima sobre os futuros conterem o núcleo de infinitivo, realizado por /r/, como se pode explicar a diferença entre o infinitivo flexionado e o futuro do subjuntivo? O infinitivo flexionado, como observado neste trabalho, não tem o núcleo T, seguindo autores como Raposo (1987), que defende que o infinitivo flexionado só tem uma projeção de AgrP (concordância). Sendo assim, o que diferencia o IF do futuro do subjuntivo é a ausência de um núcleo T. Isso explica também porque não há alomorfia nas raízes do infinitivo flexionado. Como dito acima, se os traços de T influenciam a mudança /faz/→/fiz/, uma vez que não há T no infinitivo, não há alomorfia na raiz /faz/. Também não há fusão, no IF, do núcleo de infinitivo com os traços de T, pois não há T, diferentemente do que ocorre nos futuros.

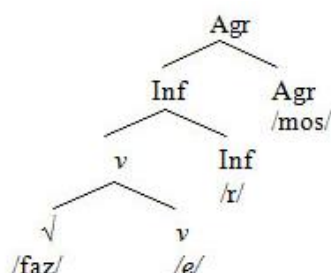
CANTAR		√	[C <sub>1</sub> ]	INF		Agr
CLASSE 1 1 <sup>a</sup> Conjugação	1SG	/cant/	/a/	/r/	∅	∅
	2SG	/cant/	/a/	/r/	∅	∅
	3SG	/cant/	/a/	/r/	∅	∅
	1PL	/cant/	/a/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/cant/	/a/	/r/	/e/ <sup>12</sup>	/N/
	3PL	/cant/	/a/	/r/	/e/	/N/

<sup>12</sup> Como ressaltou um parecerista anônimo, é uma questão que merece maior atenção o surgimento dessa vogal nas 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas do plural no paradigma do infinitivo, o qual não possui T. Entendemos que o surgimento dessas vogais se deve a uma inserção tardia de uma vogal epentética, como um morfema dissociado. É crucial para essa análise manter a proposta de que o infinitivo não possui um núcleo de T, como defende Raposo (1987). Para nós, o surgimento dessa vogal epentética é uma decorrência da confusão entre o futuro do subjuntivo e o infinitivo flexionado, conforme a “confusão” de ambas as formas sugerida na pesquisa sobre a origem do infinitivo flexionado. Além disso, como exposto por Martins (2001), na seção 3.2 deste artigo, ao constatar a agramaticalidade das sentenças infinitivas imperativas no português moderno, a autora afirma que os tempos infinitivos e subjuntivos têm um caráter dependente que precisa ser ancorado em um tempo não dependente, ou ser licenciador por certos operadores. Dessa forma, também se explica a ausência de T na análise do infinitivo.

BEBER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF		Agr
	1SG	/beb/	/e/	/r/	∅	∅
CLASSE 2 2ª Conjugação	2SG	/beb/	/e/	/r/	∅	∅
	3SG	/beb/	/e/	/r/	∅	∅
	1PL	/beb/	/e/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/beb/	/e/	/r/	/e/	/N/
	3PL	/beb/	/e/	/r/	/e/	/N/
DORMIR		√	[C <sub>3</sub> ]	INF		Agr
	1SG	/dorm/	/i/	/r/	∅	∅
CLASSE 3 3ª Conjugação	2SG	/dorm/	/i/	/r/	∅	∅
	3SG	/dorm/	/i/	/r/	∅	∅
	1PL	/dorm/	/i/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/dorm/	/i/	/r/	/e/	/N/
	3PL	/dorm/	/i/	/r/	/e/	/N/
<b>IRREGULAR</b>						
FAZER		√	[C <sub>2</sub> ]	INF		Agr
	1SG	/faz/	/e/	/r/	∅	∅
CLASSE 2 2ª Conjugação	2SG	/faz/	/e/	/r/	∅	∅
	3SG	/faz/	/e/	/r/	∅	∅
	1PL	/faz/	/e/	/r/	∅	/mos/
	2PL	/faz/	/e/	/r/	/e/	/N/
	3PL	/faz/	/e/	/r/	/e/	/N/

Tabela 1 - Infinitivo flexionado

(22)



O argumento da hipótese criadora, sobre haver uma analogia entre futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado, já se fazia notar que no futuro há um traço de infinitivo. Porém, parece, se estivermos certos, que o caminho foi inverso, do infinitivo para o futuro e não o contrário, do futuro do subjuntivo para IF. Sobre

Maurer Jr (1968) argumentar em favor da analogia dos traços de flexão do futuro para o IF, parece-nos que não seria esse o caminho, uma vez que, como mostrado nas tabelas acima e nos estudos das flexões de outros tempos verbais (Cf. BASSANI & LUNGUINHO, 2011), as realizações dos morfemas de número e pessoa são idênticas nos verbos de diferentes tempos, portanto, o IF poderia ter adquirido flexões não por analogia com o futuro do subjuntivo, mas por analogia a qualquer verbo finito.

## CONCLUSÃO

Para concluir essa pesquisa, retomamos a grande questão sobre a origem do IF e suas hipóteses. Para tal, contrapomos, na sequência, dois autores – Wireback (1994) e Maurer Jr (1968).

No que diz respeito à análise de Wireback (1994), observamos que o argumento de Maurer Jr (1968) (teoria criadora) sobre as desinências número-pessoais terem sido acrescentadas no infinitivo impessoal por analogia ao futuro do subjuntivo pode ser refutado, uma vez que o futuro do subjuntivo e o infinitivo flexionado não compartilham o mesmo ambiente sintático. Se o infinitivo flexionado tivesse mesmo adquirido por analogia as desinências do futuro do subjuntivo, deveria existir pelo menos um contexto sintático em que ambas as formas se equivalessem para que fosse possível uma “confusão”.

Nossa análise das flexões verbais, na seção anterior, mostra que as desinências número-pessoais são iguais em todos os verbos independente do tempo. Portanto, se o infinitivo não compartilha do mesmo ambiente do futuro do subjuntivo e se este fator não fosse necessário para que o infinitivo impessoal incorporasse as desinências de número-pessoa, tais desinências poderiam ter sido acrescentadas a partir da analogia com qualquer verbo finito.

Maurer Jr (1968) argumenta que a principal diferença entre os dois infinitivos é que o flexionado tem sujeito “próprio”, um sujeito lexical. Mas o corpus de Wireback (1994) só apresentou a presença de sujeito lexical em 10% dos dados.

Sujeito	Ocorrência	Porcentagem (%)
Sem sujeito lexical	138	90.2
Com sujeito lexical	15	9.8

Tabela 10 - Análise Wireback (1994)

---

Maurer Jr argumenta, ainda, que o aparecimento do infinitivo preposicionado no latim vulgar aumentou o uso dos infinitivos, resultando num emprego com a maioria das preposições. Este argumento corrobora com a análise de Wireback de que os infinitivos apareciam com as preposições *pera* e *por*, e que esse uso se estendeu às demais preposições.

Observando novamente os argumentos que Maurer Jr utiliza para refutar a hipótese do imperfeito do subjuntivo, encontramos:

1. Não há indícios positivos para a sobrevivência do imperfeito do subjuntivo no português;

Contudo, há indícios positivos, já apresentados neste trabalho, e por todos os teóricos defensores da teoria latina e também pelo trabalho de Väänänen, de que o imperfeito do subjuntivo latino sobreviveu no latim vulgar.

2. Os empregos do infinitivo flexionado correspondem parcialmente aos empregos do imperfeito subjuntivo latino;

Sim, tal argumento é endossado pelo estudo de Wireback, o qual mostra que os contextos sintáticos volitivos, nos quais aparecia o imperfeito do subjuntivo latino, não são suficientes para explicar a origem do infinitivo flexionado.

3. A omissão da conjunção *ut* se dava nas orações completivas, com exceção das orações finais, nas quais o uso do infinitivo flexionado é mais recorrente;

Sim, este argumento também é endossado pelo estudo de Wireback que explica a origem do infinitivo flexionado não pelas sentenças volitivas, mas, através das orações finais. E supõe o autor que a razão para o IF no português antigo ocorrer junto de *pera/por* se dá ao fato de ele manter a função de finalidade decorrente do seu desenvolvimento do imperfeito do subjuntivo latino.

A partir desse contraponto entre os dois autores, podemos notar que Wireback não refuta todos os argumentos de Maurer Jr, pelo contrário, vários

---

argumentos de Maurer Jr, como mostrado acima, corroboram com a análise de Wireback e com a hipótese do imperfeito do subjuntivo latino.

Observamos que análise da flexão do infinitivo flexionado demonstrou que as desinências número-pessoais semelhantes não são suficientes para corroborar com nenhuma teoria. Contudo, notamos que a semelhança do IF com o futuro do subjuntivo também não parece ser um indício que argumente a favor da teoria criadora, já que o traço de infinitivo está presente nos futuros em geral. A questão pode ser respondida por ambas as teorias. Critérios morfológicos e fonológicos podem ser respondidos através dos estudos de Wireback (1994), pela teoria ImpSubL, bem como pela análise de MD que apresentamos. Os critérios sintáticos são melhores respondidos pela teoria do ImpSubL, com a análise de Wireback (1994) das orações finais.

A análise de Wireback (1994) é confirmada também pelos resultados de Canever (2012) para construções finais, uma vez que Canever (2012) também encontrou um maior número de infinitivos em orações finais. A autora faz um estudo sociolinguístico para analisar a ocorrência do IF no PB e investigar se há um aumento nesse uso em relação ao uso do infinitivo não flexionado, fazendo uso de corpus escrito de falantes cultos. Para analisar a ocorrência do IF, ela dividiu a tabulação por tipo de construção e os dados para as construções finais se mostraram muito significativos (infinitivo não flexionado: 37% - IF: 63%) e, ao subdividir tais dados, a autora observou que os valores alteram significativamente na 1ªpl (infinitivo não flexionado: 14,7% - IF: 85,3%) e nas orações finais na voz passiva (infinitivo não flexionado: 5,5% - IF: 94,5%). O IF em situação de hipercorreção/hiperacomodação está começando a surgir até na modalidade escrita da variante culta do PB, bem como o IF tem aparecido em percentuais altos na maioria das construções analisadas pela estudiosa.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática latina*. Editora Saraiva, 1992.

BASSANI, Indaiá. S.; LUNGUINHO, Marcus.V. Revisitando a flexão verbal do português à luz da Morfologia Distribuída: um estudo do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem. Edição Especial*, n.5, p. 199-227, 2011.

CANEVER, Fernanda. *Evidências para um modelo de língua baseado no uso: o infinitivo flexionado em português brasileiro*. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:

---

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-02082012-133430/pt-br.php>>.  
Acesso em: 25 mar. 2015.

- CHOMSKY, Noam . *Lectures on government and binding*. Foris, Dordrecht, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- \_\_\_\_\_. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, Michael J. *Ken Hale: a life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001, p. 1-52.
- COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.
- EMBICK, David. *Localism versus globalism in morphology and phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.
- ERNOUT, A. & THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2ªed. Paris: Klincksieck, 1953.
- GAMILLSCHEG, E. *Studien zur Vorgeschichte einer romanischen Tempuslehre*. 2ªed. Tübingen: Tübinger Beiträge zur Linguistik, 1970.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Língua Latina*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.
- HALLE, Morris; Alec MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Eds.) *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, p. 111-176.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key-features of Distributed Morphology. In CARNIE, Andrew; HARLEY, Heidi (eds). *MIT Working Papers in Linguistics 21. Papers on Phonology and Morphology*, 1994, p. 275-288.
- HARRIS, M. *The Evolution of French Syntax: A comparative approach*. London: Longman, 1978.
- KAYNE, Richard. Italian Negative Infinitival Imperatives and Clitic Climbing. *Hommages à Nicolas Ruwet* ed. by L. Tasmowsky & Anne Zribi-Hertz, 300–312. Gent: Communication and Cognition, 1992.
- LAUSBERG, Heinrich. *Romanische Sprachwissenschaft*. Berlin: Walter de Gruyter, 1962–1963.
- MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In *Proceedings of the 27th Annual Penn Linguistics Colloquium. UPenn Working Papers in Linguistics 4:2*, Article 14. Philadelphia, PA, UPenn, 1997.
- MARTINS, Ana Maria. On the origin of the Portuguese inflected infinitive. In: *Historical Linguistics*, 1999, Edited by Laurel J.Brinton, Amsterdam, John Benjamins Publishing Company, 2001.
- MAURERJR, Theodoro Henrique. *O infinitivo flexionado português*. São Paulo: Cia Editora Nacional-USP, 1968.
- OSBORNE, B. On the origin of the Portuguese Inflected Infinitive. *Papers from the 5th International Conference on Historical Linguistics*. Ed. Anders Ahlqvist. Amsterdam: John Benjamins, 1982.



- 
- OTTO, Richard. Der portugiesische Infinitiv bei Camoes. *Romanische Forschungen* 6.299–398, 1889.
- RAPOSO, Eduardo. *Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese*. *Linguistic Inquiry*, v. 18, n. 1, 85-109, 1987.
- RODRIGUES, José M. O Imperfeito do conjuntivo e o infinito pessoal no Português. *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*. 8.72–93, 1914.
- SANTANA, Beatriz Pires. Os futuros do indicativo: por uma análise sintática para a flexão verbal do português brasileiro. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem. Periódicos Unb*, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/17603>> Acesso: 13/06/2016.
- SCHAF FILHO, Mathias. *Do acusativo com infinitivo latino ao nominativo com infinitivo português*. 2003. 206 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras/linguística, Centro de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/85331/199017.pdf.txt?sequence=2>>. Acesso em: 30 jan. 2015.
- SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. MORFOLOGIA EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 47, n. 1, p.9-29, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/14451>>. Acesso em: 02 maio 2016.
- SIDDIQUI, Daniel. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- TSOULAS, George. Indefinite Clauses: Some notes on the syntax and semantics of subjunctives and infinitives. *Proceedings of the 13th West Coast Conference on Formal Linguistic* ed. by Raul Aranovich et al., 515–530. Stanford: CSLI, 1995.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción al Latín Vulgar*, versión esp. de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1985.
- VASCONCELOS, J. Leite de. *Estudos de Philologia Mirandesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1990.
- WERNECKE, H. *Zur Syntax des portugiesischen Verbs*. Weimar (Programm des Realgymnasiums in Weimar), 1885.
- WIREBACK, K. J. The Origin of the Portuguese Inflected Infinitive. *Hispania :A journal devoted to the interests of the teaching of Spanish and Portuguese*. V. 77, set, 1994.
- ZANUTTINI, Rafaela. *Negation and Clausal Structure: A Comparative study of romance languages*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1997.

---

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de setembro de 2016

Aprovado em sistema duplo cego em: 19 de novembro de 2016